



DESENVOLVER

Sempre uma reflexão autoral sobre desenvolvimento



Do Destino Trágico ao Renascimento da Esperança

Ronaldo Celestino da Silva Junior



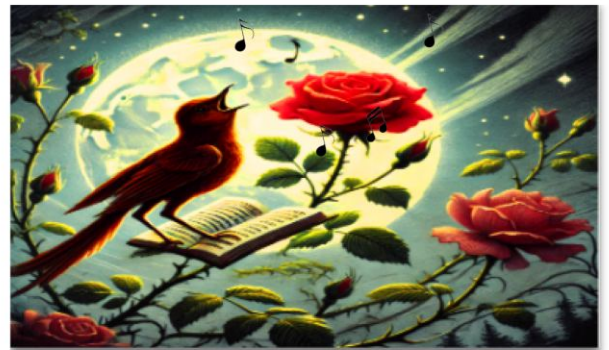
Em 1888, o escritor irlandês **Oscar Wilde** publica um de seus contos mais célebres: O Rouxinol e a Rosa. Nele, um jovem Estudante acorda e se entristece por não encontrar uma única rosa vermelha, em seu jardim.

Seus olhos ficam marejados de lágrimas e ele lamenta: “- Ai, como a felicidade depende de pequenas coisas!” No baile que seria promovido pelo príncipe, a amada do Estudante prometeu-lhe uma dança, caso ele a levasse uma rosa vermelha. Eis que um Rouxinol encanta-se pelo jovem de cabelos escuros como a flor do jacinto e lábios rubros como a rosa dos seus desejos. Comovido, decide ajudá-lo.

O jovem Estudante, ao escutar o canto do rouxinol, em seu jardim, admira sua forma, mas se questiona: “- Será que ele tem sentimentos? Temo que não. Na verdade, deve ser como a maioria dos artistas: é todo estilo, sem qualquer sinceridade. Ele jamais se sacrificaria pelos outros. Só pensa em música, e todo mundo sabe que as artes são egoístas. Mesmo assim, é preciso admitir que sua voz tem algumas notas lindas. Que pena não significarem nada, nem terem qualquer utilidade prática!”

O Rouxinol, então, chega à Roseira, embaixo da janela do Estudante. Esta confessa-lhe que embora suas rosas fossem vermelhas, não teria uma única naquele ano.

O inverno congelou-lhe as veias, a geada cortou seus botões, a tempestade quebrou os seus galhos. A única forma de consegui-la seria o Rouxinol cantar a noite toda para ela, ao luar, tendo o peito cravado por um espinho, até este perfurar-lhe o coração, de modo que todo o sangue que o mantinha vivo corresse para as veias dela. Assim faz o Rouxinol. Sacrifica-se por amor. Após uma terrível dor, a rosa maravilhosa fica rubra, como a rosa do céu do oriente. Rubras eram suas pétalas, rubro como um rubi era o seu coração.



O Estudante, ao abrir a janela, admira-se com uma rosa tão bela! Após colhê-la, bota o chapéu e corre ao encontro da amada. Ela, contudo, diz-lhe que a rosa não combinaria com o seu vestido. Mais além: um outro pretendente enviou-lhe joias de verdade, as quais custam mais que as flores.

Após a rejeição e a ingratidão daquela jovem, o Estudante atira a rosa na rua, com raiva, a qual cai em uma sarjeta. Em seguida, uma carroça passa por cima dela. Ele exclama sobre a tolice que é o Amor, o qual não é lógico e nem prático. Retorna, em seu quarto, aos estudos de Filosofia e Metafísica.



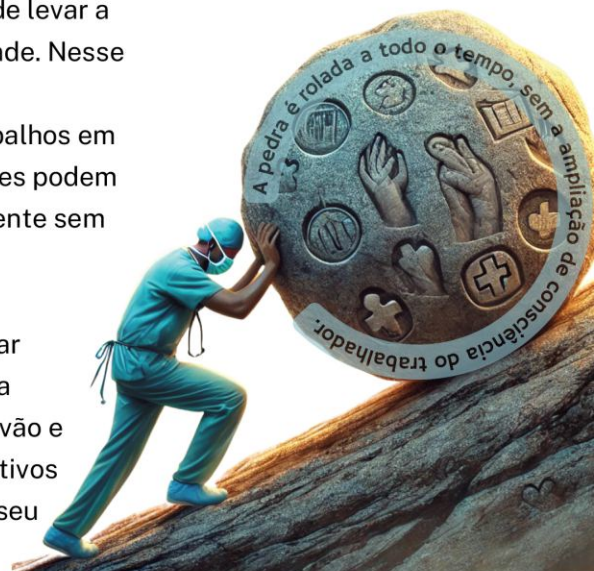
Caro leitor, você já se sacrificou pelo seu trabalho ou por alguma outra coisa, movido pelo amor, tendo esse sacrifício parecido sem valor ou sem sentido? Muitos dos trabalhos realizados têm algo de repetitivo, desafiando o surgimento da criatividade, do respiro da alma, de algo novo. A eterna repetição, a qual rouba o sangue de muitos de nós, pode levar a adoecimentos e vir a ser algo mortífero, roubando-nos a vitalidade. Nesse sentido, o excesso de expectativas criadas por nós e o nível de autoexigência podem tornar o trabalho ainda mais penoso. Trabalhos em que há grandes expectativas, seguidas de repetitivas frustrações podem ser associados ao “trabalho de Sísifo”. Um trabalho aparentemente sem sentido, sem fim.

Sísifo, um mortal astuto da mitologia grega, conhecido por sua esperteza e desafio aos deuses, é punido por Zeus, devendo rolar uma pedra até o cume de uma montanha para, em seguida, vê-la rolar de volta por todo o percurso. Um trabalho aparentemente vão e sem sentido. Trabalhos repetitivos tornam-se ainda mais cansativos e pouco proveitosos, quando o único objetivo que se almeja é o seu fim, o resultado final. Vive-se um círculo vicioso.

À medida que envelhecemos, compreendemos que as repetições são elementos estruturais da passagem do tempo, da morte adentrando a vida. O desafio torna-se compreender que, embora a pedra possa ser a mesma, podemos trilhar com ela novos caminhos, segundo Verena Kast, analista junguiana. Para isso, é necessária a ressignificação dos velhos caminhos e daquilo que nos faz mover sempre na mesma direção. As repetições podem ensejar novas vivências. O círculo vicioso pode transformar-se em um círculo virtuoso!

O sacrifício pode ser o das velhas convicções, do velho eu. Desse modo, a morte e o renascimento podem se dar de forma simbólica. É o nascimento de um novo ser, em atitude e renovação, que permitirá ao Sísifo contemporâneo uma atitude esperançosa. Carregar a pedra, agora sem sofrer pela sua queda ao final, não é mais um esforço sem sentido.

A jornada do homem, junto à pedra, é o que verdadeiramente importa. É preciso carregar a pedra e saber respirar de nossa fantasia de onipotência, permitindo deixar rolar o que está além do nosso controle, fora de nosso alcance.



Verena Kast



REVERBERAR

Instigar para ecoar seu pensamento



O dia **1º de Dezembro** é o Dia Mundial da Luta Contra a Aids. O **Dezembro Vermelho** é uma campanha de conscientização sobre a prevenção, diagnóstico e tratamento do HIV/Aids e de outras infecções sexualmente transmissíveis, instituída em 2017. A história da luta contra o HIV/Aids é marcada por enormes desafios e conquistas. Desde o diagnóstico enquanto sentença de morte, nos primórdios da epidemia, o estigma às pessoas LGBTQIA+, violentamente julgadas pela hipocrisia social, às conquistas no acesso ao tratamento e avanço do mesmo.

Em meados da década de 90, foi instituído o acesso ao tratamento antirretroviral gratuito. Ao final da mesma década, com a implementação dos genéricos, efetivamente garantiu-se esse acesso, revolucionando a história da aids no Brasil.

Da sentença de morte fomos à sentença de vida: uma outra vida possível, reinventada. Agora, era preciso tratar uma outra doença, resistente a toda e qualquer medicação, e que também mata: o preconceito.

O preconceito talvez tenha sido a maior ferida que acometeu as pessoas que mais precisavam (e as que ainda precisam) de empatia e cuidado. Infelizmente, ele ainda reverbera nos dias atuais, gerando discriminação social. Esta é uma temática cara a este autor, cujo primeiro estágio como psicólogo clínico se deu no Hospital Universitário de Brasília - HUB/UnB, no projeto de extensão Com-Vivência, prestando atendimentos psicológicos a pessoas com HIV/Aids.

No rolar a pedra acima, na luta pela vida dessas pessoas, muitas pedras rolaram, montanha abaixo, sugerindo uma impotência dos profissionais da saúde diante da morte, confrontando-os com os seus limites e a finitude da vida. Sendo a vida finita ou mesmo abreviada, não haveria sentido em vivê-la com urgência, da melhor maneira possível? Por que a morte também não poderia ser contaminada pela vida? Nessa direção, pensamos que o livro *Sentença de Vida*, da médica infectologista

Márcia Rachid, pode nos ensinar um pouco mais sobre o amor, humanidade e esperança, na saúde.





REVERBERAR

Instigar para ecoar seu pensamento



A partir de histórias sensíveis, compartilhadas de suas vivências com pacientes, transmite ensinamentos sobre acolhimento, empatia, escuta e cuidado. Aquece o coração do leitor. Faz-nos refletir que a medicina deve ir bem mais além da frieza tecnicista, herdeira das frias salas de anatomia, e abraçar a dimensão afetiva, a abertura às pessoas e suas subjetividades. A disponibilidade ao outro de modo previsível, contínuo e confiável, oferece um suporte capaz de fazer nascer no outro o cuidar de si. Essa é uma repetição que, com esperança, pode resultar em novos caminhos. Perdida é uma vida vivida sem sentido.



O amor é uma coisa elevada. As ações movidas por amor, por vezes podem ser invisíveis. Qual o valor de uma rosa vermelha, ante os poderes do vil metal? Em um mundo materialista, as coisas sensíveis perdem o seu valor. O canto perde o seu valor. Talvez a entrega amorosa seja hoje um ato revolucionário! Ainda temos um coração para dar, capaz de suportar os espinhos do trabalho e da vida? Se a morte é um preço muito alto a se pagar por amor, a falta dele é um preço muito alto a se pagar pela vida. A tragédia do Rouxinol não é a sua morte, e sim a indiferença humana.



Ocorre que algumas de nossas expectativas são irreais, o que é diferente da esperança. Ao compreendermos a diferença entre elas, talvez se torne possível um realinhamento daquilo a que nos propomos. Talvez possamos ressignificar aquilo que fazemos. O vocábulo *Sacrifício* origina-se do termo em latim *sacrificium*: *sacrum* + *facere*, um fazer sagrado. Assim, sacrificar-se por algo sagrado, com sentido, é o que justifica e motiva o sacrifício. Todavia, o que deve ser sacrificado: a vida ou o irrealismo de nossas expectativas, o perfeccionismo, a rigidez de nossas convicções?





REFLETIR

Inspiração para vivenciar



**"A esperança não é uma espera passiva, mas um movimento ativo
rumo ao que ainda não é, ao que ainda está por vir."**

Byung-Chul Han

Para Byung-Chul Han, esperança é o antídoto contra o medo e a paralisação ante os desafios da vida. Ela aponta para o futuro. Abre-se ao novo. Não faz morada no passado. A Sísifo nada mais resta, caso fique paralisado, lamentando o rolar da pedra ladeira abaixo.

A esperança confronta o pessimismo, mas não é tola como o otimismo. Se o pessimismo aprisiona no medo, o otimismo aprisiona no positivismo tóxico. Impede o contato com a abertura às vulnerabilidades, perdas e dores humanas. Tanto no pessimismo quanto no otimismo, a realidade já é dada. Na esperança, não. O futuro é um vir-a-ser, há a possibilidade de renovação. O futuro é uma realidade para quem é cuidado e adere ao tratamento. Nesse sentido, é grande a responsabilidade dos profissionais de saúde: eles devem ser portadores de esperança.



Trabalhadores do SUS que, bravamente, se dirigem para a ação, rolam a pedra acima, recomeçam. Sabem que a falta de esperança não move a pedra do lugar. Apostar no novo é ressignificar a jornada. Ela é mais importante que o destino.

Em nossa sociedade narcisista, o sangue está aprisionado na circulação escassa do ego, nas palavras de Byung-Chul Han. Não flui mais para fora do mundo. Sem mundo, orbitamos apenas o nosso ego. Para sairmos de nós mesmos e quebrarmos preconceitos, faz-se essencial a esperança. Ela cria um nós. Faz circular o sangue e o amor pelas pessoas, enquanto coletividade. Faz sair da expectativa e se move para a ação. O nós possibilita a circulação de ideias, de afetos, o resgate do valor da fraternidade.

A rosa vermelha é aquela pela qual houve sangue derramado. Investimento afetivo, amoroso. Sem sangue correndo nas veias, a Roseira permanece sem vida, com suas rosas pálidas e incolores. A vida, sem doação, investimento afetivo, é uma vida incolor. Por fim, Santo Agostinho atribuiu às plantas um desejo de que os humanos as contemplem, como se o conhecimento do ser delas, guiado pelo amor, lhes proporcionasse redenção. Para ele, é o olhar amoroso que liberta a flor de sua falta de ser. O olhar amoroso a redime. Nos serviços de saúde e na vida é o olhar amoroso que faz viver, e não a indiferença. Todavia, é essencial o autocuidado. Sem ele, perdemos todo o nosso sangue, o amor próprio. Perdemos as forças para seguir rolando a pedra.



Livros



1 - HAN, Byung-Chun. *O espírito da esperança: contra a sociedade do medo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.



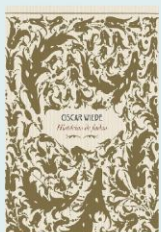
2 - KAST, Verena. *Sísifo: vida, morte e renascimento através do arquétipo da repetição infinita*. São Paulo: Cultrix, 2017.



3 - LOPARIC, Zeljko (org.). *Winnicott e a ética do cuidado*. São Paulo: DWW Editorial, 2013.



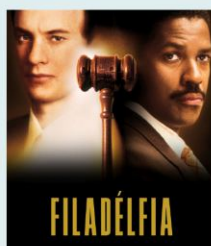
4 - RACHID, Márcia. *Sentença de vida – Histórias e lembranças: a jornada de uma médica contra o vírus que mudou o mundo*. Rio de Janeiro, RJ: Máquina de Livros, 2020.



5 - WILDE, Oscar. *Histórias de fadas*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2020.



Filmes



Filadélfia (1993) narra a luta de Andrew Beckett, um advogado com aids, contra a discriminação após ser demitido. Com a ajuda de Joe Miller, enfrenta preconceitos em busca de justiça e igualdade.



Cazuza: O Tempo Não Para (2004) retrata a vida do cantor e compositor Cazuza. O filme explora sua trajetória, personalidade intensa, bem como sua luta contra o HIV, destacando seu legado na música brasileira.



Link





CONECTAR

Histórias, relatos, encantos, alívios



“A gente tem que falar em força da vida e não no momento da morte.”

Márcia Rachid



Sugestões

